

A ética no poder local

‘Autarcar’ ou ser autarca.

O tema escolhido é, a meu ver, um verdadeiro ponto de encontro para o debate que todos nós, políticos, deveríamos travar sobre o nosso futuro. Na verdade, estamos tão empenhados em fazer com que as ‘coisas’ aconteçam que esquecemos, muitas vezes, a nossa ideologia, a ‘cartilha’ da nossa intervenção social ou, até, os valores pelos quais devemos pautar a nossa conduta política.

Raras vezes mesmo nos damos ao trabalho de fazer uma auto-avaliação daquilo que são as nossas decisões, comportamentos e posturas políticas. Estamos bastante ‘formatados’ para obter vitórias eleitorais e até para assumir os desaires ou insucessos, só que, estes, procuramos atribuí-los a variáveis e circunstancialismos de que, por vezes, nos excluimos.

Com este texto, que reflecte um pensamento e uma experiência correspondentes a dois mandatos autárquicos, penso estar em condições de alertar, a quem se encontra na ‘via autárquica’, para um conjunto de vectores que devem estar associados ao desempenho do que entendo ser a profissão mais nobre e importante para qualquer cidadão: ser Político. Como sabem, nos tempos de hoje instituiu-se a ideia de que os políticos, assim como todos os que assumem cargos de liderança política, são pessoas sem ética, diria mesmo imorais. Temos consciência que tal situação se fica a dever a alguns casos da nossa vida local e nacional, e em parte pela cada vez maior ocupação da actividade política por ‘políticos profissionais’. Políticos sem experiência de vida, que vivem na dependência dos seus chefes, que funcionam num sistema fechado de ideias, acríticos, a quem só interessa fazer carreira pessoal.

É por isso que, para acrescentar algo a esta ‘Convenção Autárquica’ gostaria de vos falar de outras realidades que não seja a execução das políticas nas diversas áreas sectoriais como as que desenvolvo no meu Município. Gostaria de vos falar de vectores quiçá imateriais mas que alcançam um significado muito profundo na relação que se deve estabelecer como os munícipes na base da Tolerância, da Solidariedade, do Bem Comum e da Ética. Valores, todos eles decisivos para podermos construir sociedades locais mais humanizadas, mais justas e mais equilibradas.

Pretendo apresentar, desta forma, uma reflexão sobre o meu modo de estar na gestão autárquica e na política local, tanto mais porque considero a minha missão, enquanto líder de um concelho, uma tarefa de responsabilidade que, apesar de apontar para os resultados, tem conhecimento pleno da realidade e da dificuldade em atingir os fins a que se propõe. Mas, simultaneamente, não devemos recear ser peremptórios na defesa do que pensamos ser as melhores opções que no nosso dia a dia

temos que fazer, procurando os melhores caminhos para a resolução dos problemas.

Presentemente, temos de nos assumir quanto à nossa obrigação de fazer boa política, enfrentando as dificuldades inerentes a todo o processo de crise económica, política e social em que estamos envolvidos, num contexto onde essa crise se sobrepõe aos próprios valores de cidadania e de civilidade. Dê-se antes, o exemplo de honestidade e verdade se queremos mobilizar os cidadãos à participação cívica e com ela melhorar a democracia.

¿Pergunto então, qual a chave para se fazer uma boa política local? Qualquer acção de liderança tem de resultar da aplicação estrita das escolhas democráticas feitas pelos munícipes e, por isso, mais do que bons gestores económicos e técnicos temos de saber ser bons gestores do que é humano e social, sobrevalorizando-os, mesmo que isso choque com alguma da lógica partidária.

E de nada vale ficarmos por palavras de intencionalidade. A nossa postura só será credível se assumirmos responsabilidade cívica de solidariedade concelhia de modo pragmático, isto é, por acções e pela prática, em vez de por palavras.

O meu percurso de vida, enquanto médico e enquanto autarca, tem-me revelado que é pela vontade e pela acção da solidariedade que criamos uma sociedade rica em valores, garantindo-lhe bases de sustentabilidade e de identidade colectiva, uma sociedade com capacidade de enfrentar os problemas e de os solucionar em conjunto. Pensemos no exemplo do nosso próprio corpo cujo equilíbrio se mantém enquanto todos os órgãos funcionarem em harmonia. Temos de ter consciência da nossa própria vulnerabilidade e reconhecer que é por precisarmos uns dos outros, no pleno reconhecimento das nossas fragilidades, que nos procuramos e nos concentramos em sociedade.

No lugar que ocupamos podemos melhor que ninguém prestar atenção ao que nos rodeia e assim ser capazes de corresponder ao que as populações necessitam, não nos permitindo subjugar aos poderes económicos que, tendencialmente, preferem estabelecer uma tipologia de governo local corporocrático que serve, sobretudo, os interesses de pequenos grupos e pura e simplesmente se demarca da responsabilidade pela incrementação de serviços de saúde, educação e de acção social.

Se conseguirmos fazer reconhecer e respeitar a diferença, estimular a preocupação pelo destino dos outros e não apenas pelo nosso, acima de interesses pessoais ou corporativos, estaremos a construir um futuro melhor para toda a comunidade.

O caminho para o atingir implica uma forte coerência na gestão dos recursos humanos e materiais, concentrando esforços no que é verdadeiramente urgente. Este é um desafio que temos de ser capazes de

assumir, sem baixar os braços para nos desculpabilizarmos com a nossa incapacidade para agirmos sobre o que consideramos ser o melhor. Podemos errar, mas acreditamos e fazemos.

Nos tempos vindouros, como nos de hoje, a política exigirá uma prática constante de princípios democráticos forçando-nos a reformar costumes, despertar consciências, mostrar com exemplos, a prática dos princípios de justiça, liberdade, igualdade, solidariedade e de inclusão social, para vivermos numa cultura de bem estar.

É nesta área de actuação que, ao nível local, cada vez mais, a ética política parece confundir-se com a ética social, pois que a política nos nossos dias, só se compreende se for capaz de responder socialmente ao quotidiano das populações.

Defender estes princípios e valores parece-me ser uma responsabilidade inalienável na acção e postura dos autarcas de hoje, **se esses mesmos autarcas quiserem ser recordados como alguém que fez a diferença e não por simplesmente terem desempenhado essas funções.**

Seruca Emídio (CMLoulé)